



## **Livro-Reportagem: Um Diálogo Possível para Convivência Sustentável com o Semiárido<sup>1</sup>**

Rosa da Conceição NASCIMENTO<sup>2</sup>  
Ana Paula RABELO<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O trabalho tenta compreender como se dá o diálogo entre os trabalhadores do campo sobre as temáticas do seu cotidiano: mobilização social, agroecologia, sustentabilidade, e como este diálogo contribui para disseminação das experiências viáveis para sua convivência sustentável com o semiárido. O objetivo do artigo é analisar o livro-reportagem como ferramenta de comunicação para disseminação das experiências agroecológicas no semiárido. A partir de pesquisas em trabalhos apresentados, como cartilhas, manuais, entre outras publicações, foi possível perceber o poder que tem o livro-reportagem. Por ser o um segmento que possibilita maior apanhado da realidade, ou do fato ao qual se pretende evidenciar, com as histórias contadas, as iniciativas de produção agroecológicas serão socializadas e conhecidas por outros agricultores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro-reportagem; Agroecologia; Sustentabilidade; Mobilização social; Organização comunitária.

### **TEXTO DO TRABALHO**

Tem se construído diversos instrumentos, como cartilhas, apostilhas e manuais para expor ideias, conceitos e até histórias de vida, na tentativa de visibilizar o trabalho de agroecologia desenvolvido pelas famílias agricultoras no semiárido brasileiro. Formas diferenciadas e histórias recontadas num mesmo contexto, mas, no entanto, por perspectivas diferentes. Muitas pesquisas têm sido publicadas, com o intuito de mostrar o que existe de práticas inovadoras. E o resultado tem sido positivo. Com os instrumentos as experiências têm se tornado visíveis, e conseqüentemente multiplicadas. Como tantos outros instrumentos, o livro-reportagem também é uma ferramenta para divulgação das experiências desenvolvidas para convivência sustentável com o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FA7-, email: [rosa.ugt.obas@gmail.com](mailto:rosa.ugt.obas@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FA7, email: [anarabelop@gmail.com](mailto:anarabelop@gmail.com)



semiárido. No entanto, pela possibilidade de maior apanhado e olhar aguçado para ver aquilo que o coração e a alma podem compreender, o livro-reportagem é uma ferramenta de comunicação importante para a disseminação de práticas agroecológicas entre agricultores e pode transformar pensamentos e até conceitos.

## **LIVRO-REPORTAGEM: COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA PARA DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS**

Durante muito tempo a imposição de informação produzida em grandes centros urbanos excluiu grupos sociais inteiros. Hoje há uma tendência cada vez maior em se preocupar com o cuidado com pequenos grupos, fortalecendo a comunicação local e socializando saberes.

A troca de experiências foi e continua sendo a principal ferramenta no processo dinâmico da evolução e a valorização dos modos de vida e de produção das famílias camponesas. Uma ferramenta de comunicação como o livro-reportagem se mostra importante no sentido de incentivar os conhecimentos locais e as relações para convivência com o semiárido.

Historicamente, as comunidades rurais são excluídas dos modelos de informação e comunicação que se voltam prioritariamente para a reprodução da realidade urbana. Vale ressaltar, no entanto, que muitos trabalhos que retratam a vida no campo têm sido feitos e apresentados, como, *Espécies Agrofloretais* e *Caderno - Agroecologia Transforma Paisagens Desertificadas*, publicados pelo Centro de Desenvolvimento Agroecológico (Sabiá do Pernambuco); *Cartilha Agroecológica de Produção Familiar*, do Centro Regional de Assessoria e Capacitação (Cerac, Piauí), e até *Caminhos para Convivência com o Semiárido*, publicado pela Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA) e *Fórum Cearense pela Vida no Semi-Árido (FCVSA)*, entre outros.

Há uma série de publicações que servem como instrumentos para subsidiar capacitações e divulgar propostas agroecológicas de produção. O diferencial no livro-reportagem está na minuciosidade quanto às experiências, mas, e principalmente, na forma como as histórias podem ser abordadas, a partir de um novo olhar. “Curvar o pescoço, me agachar e colocar meus olhos no mesmo plano dos olhos deles”. (Eliane Brum, 2006). Com um novo olhar é possível se colocar numa posição de igualdade, e



como diz Brum, assim poder enxergar a história de cada agricultor com o coração e a alma, e a partir daí sistematizá-la e socializá-la.

Nesse sentido, o livro-reportagem, como produto acessível ao trabalhador do campo, que valorize temas relevantes para sua comunidade, se mostra como uma alternativa de divulgar a história de pessoas que se articulam, lutam, participam de uma vida coletiva e acreditam na mudança, a partir de suas iniciativas. Nele poderão reunir histórias de pessoas de comunidades, para a socialização do conhecimento, e assim, estimular a troca de saberes dos agricultores entre si, além da troca que eles estabelecem com formadores de opinião como os técnicos.

Há iniciativas de práticas produtivas viáveis para a convivência sustentável com o semiárido, que se consolidam a partir de mobilizações, participações e conscientização. Os textos e imagens produzidos num livro-reportagem são de fundamental importância para sua difusão, e conseqüentemente, sua adesão. Se bem informados sobre a sustentabilidade e divulgando os princípios básicos da boa convivência do trabalhador no campo, a convivência com o semiárido torna-se mais agradável.

## **O SEMIÁRIDO BRASILEIRO**

De acordo com o Ministério da Integração em relatório publicado em Janeiro de (2005), o Semiárido brasileiro compreende uma área de 853.383,59 quilômetros quadrados e abrange 1.133 municípios de nove estados do Brasil: Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e norte de Minas Gerais. Especificamente no Nordeste, o semiárido abrange uma área de 879,0 mil quilômetros quadrados, correspondendo a 61,9% do território dessa Região e incluindo 1.049 municípios. Entre os Estados que detêm maior percentual de área no semiárido está o Ceará, em primeiro lugar com 91,98%.

A vegetação predominante é a caatinga que ostenta padrões fisionômicos e florísticos variados, rica em espécies vegetais. É o Semiárido mais populoso do planeta e mais chuvoso. No entanto, a quantidade de chuva é menor do que a água que evapora, numa proporção de 3 para 1. Três vezes maior do que a de chuva, segundo dados publicados no site da Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA).



## **AGROECOLOGIA: PRODUZINDO DE FORMA SUSTENTÁVEL**

De acordo com Francisco Roberto Caporal e José Antônio Costa Berbe (2000), em artigo *Análise Multidimensional da Sustentabilidade: Uma Proposta Metodológica a partir da Agroecologia*, a agroecologia é definida como uma ciência de manejo dos recursos naturais, de forma otimizada, em que se produz com o mínimo de uso de recursos externos à propriedade. Ainda de acordo com os autores, a agroecologia é como um promissor no campo do conhecimento. Uma ciência com especial potência para orientar o acesso de transição a estilos de agricultura e desenvolvimento rural sustentável.

Esta afirmação pode ser definida a partir de iniciativas de práticas agroecológicas que garantem a sustentabilidade alimentar de uma família com o mínimo de recursos hídricos possível.

A Articulação no Semi-Árido Brasileiro, formada por Organizações Não Governamentais (ONGs), tem desenvolvido um trabalho de mobilização, participação e conscientização popular que envolve famílias agricultoras e sociedade. Além de implementações de pequenos reservatórios para captação da água da chuva como: cisternas de placa, barragem subterrânea e tanque de pedra, dos Programas Uma Terra e Duas Águas (P1+2) e Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), há um debate quanto às práticas necessárias para a convivência sustentável com o meio, como: gerenciar bem a água, cuidar da terra, consolidar relações igualitárias de gênero, entre outras práticas.

Com esta mobilização e incentivo à produção agrícola de forma agroecológica, muitas famílias do semiárido passaram a produzir diferente, como no caso citado pela comunicadora popular da ASA, Daiane Almeida, em uma matéria publicada no site da ASA (2011), que tem como título: "Se você tem água, com pouca terra sustenta uma família".

O artigo de Daiane conta a história de uma família de Serrinha, na Bahia, que com a cisterna de enxurrada, com capacidade para armazenar 52 mil litros de água tem garantido a sustentabilidade e a geração de renda através do cultivo de hortaliças e frutas, respeitando os princípios da agroecologia.

Estas práticas se consolidam também em muitos municípios do Ceará, como por exemplo, o município de Barreira, onde a família de Océlia Santiago desenvolve suas práticas agroecológicas, com plantação de hortaliças e quintal produtivo. O município



de Choró, com a produção consociada de algodão, milho e feijão, e Ocara, com produção de hortaliças. Os resultados de pesquisas sobre o aumento da produção agrícola confirmam estes dados.

Há uma intrínseca relação entre a garantia de segurança alimentar e nutricional e o fortalecimento na agricultura familiar. Apesar dos vários problemas da agricultura familiar no Brasil, suas atividades continuam exercendo um papel fundamental na produção de alimentos básicos. De todos os alimentos consumidos no país, a agricultura familiar produz 70% do feijão, 84% da mandioca, 58% da produção de suíno, 54% da bovinocultura de leite, 49% do milho, e 40% das aves e dos ovos”. (Manual do Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca. 2004, p. 99).

A implantação de um modelo de desenvolvimento centrado na agricultura familiar, quando observado os princípios da agroecologia, constitui condições necessárias para a segurança alimentar e o desenvolvimento sustentável, mesmo em terras semiáridas. São estilos de agricultura menos agressiva ao meio ambiente. E este tipo de cultura promove a inclusão social, e conseqüentemente, melhoria de vida dos agricultores.

Dessa forma, a agricultura familiar se torna indispensável para o consumo humano. Sem a produção agrícola a sociedade padeceria a falta de alimentos para a sobrevivência. O que precisa ser observado são as condições necessárias, como também, a forma de produção. Com o grande histórico de degradação ambiental, é mais do que urgente trabalhar um modelo de agricultura que seja viável também do ponto de vista sustentável.

## O JORNALISMO: COMUNICAÇÃO PELA SOCIALIZAÇÃO DE PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS



Luiz Gonzaga Motta (2004 - 2008), em seu artigo, *E agora?*<sup>4</sup> Urgente colocar o social no centro da pauta jornalística, publicado no livro *Políticas Públicas Sociais e os Desafios para o Jornalismo*, diz que no Brasil, a pesar de significativas mudanças nos últimos anos, os meios de comunicação continuam dando atenção secundária aos problemas sociais.

A conclusão de Gonzaga parte do princípio do jornalismo que é levar informação à população, possibilitando dessa forma, maior conhecimento dos acontecimentos sociais. São os jornalistas os responsáveis pela informação direta, uma vez que vai até o sujeito e colhe as informações.

O autor diz ainda que a discussão equilibrada dos problemas sociais só pode ser promovida com participação direta dos meios de comunicação e que, o jornalismo tem capacidade de convencimento, transfere relevância, direciona a atenção, hierarquiza e fixa temas que o público vai discutir.

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. (FREIRE, 1983, p.45)

Como diz o autor, o mundo humano é desta forma, um mundo de comunicação. E a comunicação acontece por necessidade. Ela se torna eficiente não somente pela forma, mas e, sobretudo, pelo que se comunica e como se comunica. A comunicação é necessária para socialização da vida das pessoas, como também para troca de conhecimentos, pelo crescimento humano-pessoal, social e comunitário.

No artigo *O Candeeiro: Estratégia de Comunicação para Difusão da Agroecologia no Semiárido* (NASCIMENTO, 2010), da minha autoria e co-autoria de

---

<sup>4</sup> MOTA, L. G. *E agora? Urgente colocar o social no centro da pauta jornalística*. Políticas Públicas Sociais e os Desafios para o Jornalismo, Rio de Janeiro, 2008.

<sup>2</sup>NASCIMENTO, R.C. *O Candeeiro: Estratégia de comunicação para difusão da agroecologia no semiárido*. II Congresso Cearense de Agroecologia, Campus da Universidade Federal do Ceará no Cariri, 11 nov.



Renata Paz Cândido Chaves, Engenheira de Alimentos, falamos da comunicação como um instrumento democrático feita pelo povo e para o povo e nasce das experiências de vida de grupos sociais, repletos de diversidades, de conflitos, de desejos de mudança, de esperança e de resistência e transformação social. Defendemos que é através desse tipo de comunicação, que os saberes populares são valorizados e transmitidos. “Dessa forma, comunidades no semiárido brasileiro se articulam em um processo de transferência de conhecimentos que contribuem para desenvolvimento sustentável, em bases agroecológicas” (NASCIMENTO, 2011).

O livro-reportagem pode não ser uma ferramenta feita pelo povo, como é o caso do informativo O Candeeiro, mencionado anteriormente, produzido a partir do diálogo sobre a experiência dos agricultores. Mas, pode reunir experiências desenvolvidas por eles, deles e para eles, como ponte de comunicação que, dialogará entre eles, e numa troca recíproca poderão si ver em suas experiências e estimular outros a experimentar o que já é perceptível.

De acordo com o artigo essas ferramentas são fundamentais para o fortalecimento das ações de convivência e organização social.

## **COMUNICAÇÃO POPULAR**

Cicília Peruzzo (2008) defende que a comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo. Ainda de acordo com a autora, ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos pequenos grupos. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação.

A comunicação popular, do ponto de vista da autora, se dá nas organizações, associações e outros movimentos que são formados pelo povo e nascidos nas comunidades, carentes de assistência, mas conscientes do seu papel na sociedade e do compromisso pela causa em favor da vida.

Joana Puntel (1994, p.133), referenciando-se a Robert White, ressaltou este aspecto referindo-se à comunicação nos movimentos populares vinculados à igreja católica. A hipótese de Puntel pode estar baseada na ideia de que a igreja católica, se



não continua sendo, mas foi, a grande referência de encontro da maioria das pessoas que vivem em comunidades, e até em grandes cidades Brasileiras.

O templo católico é ponto de encontro para as celebrações, catequese, reuniões, leilões, quermesses, e sem dúvida, para a partilha de vida das pessoas, que encontra nela um refugio e espaço para expressão da fé.

A comunicação também acontece em outros espaços como a feira livre, o carro de som, o açude, boletins informativos, entre outras ferramentas. Por tanto, o que a difere da grande mídia é a forma como se dá do povo, pelo povo e para o povo.

## **O LIVRO REPORTAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO POPULAR**

De acordo com Eduardo Belo (2006, p. 41 e 42), o livro reportagem é um segmento do jornalismo, que possibilita maior apanhado da realidade, ou do fato ao qual se pretende evidenciar. Avança as fronteiras do jornalismo para além dos limites de uma simples reportagem.

O livro pede um nível de detalhamento, profundidade e contextualização que outros veículos não conseguem oferecer. Até por sua extensão e pelo trabalho mais apurado de pesquisa, ele leva evidente vantagem em relação aos periódicos na hora de explorar as ramificações de um tema, as conexões entre fatos diferentes, os desdobramentos de cada história e as infinitas maneiras de contá-las. É uma forma de ter uma visão mais ampla e profunda, sem a fragmentação que caracteriza a cobertura jornalística cotidiana. (BELO, 2006, pág. 42)

O autor diz ainda que praticamente tudo pode ser objeto de um livro reportagem, assim como qualquer assunto pode se transformar em pauta em jornais, revistas e emissoras de TV. Dessa forma, entende-se que a comunicação que se dá pela reportagem não passa necessariamente por critérios avaliativos de classe a ou b, nem tão pouco por uma estrutura padrão do jornalismo clássico. O que diferencia a pauta no livro é o tratamento da reportagem e fidelidade aos fatos.



Assim, o livro-reportagem é também um importante instrumento de comunicação popular. Os diálogos entre as pessoas, as trocas de conhecimentos e a disseminação das práticas desenvolvidas por eles são mais bem apresentadas num livro-reportagem.

## **PASSOS IMPORTANTE PARA PRODUÇÃO DA REPORTAGEM**

1. Sistematização do material utilizado no processo de apuração e estruturação das reportagens;

**Pré-pauta** - roteiro de visitas, os fatos a ser apurados, entrevistados, como acontecerão as entrevistas, qual o posicionamento do entrevistador e alguns pontos importantes para a abordagem;

**Pauta**, que constará o tema a ser trabalhado. Alguns pontos que justifiquem a escolha da temática, como, localização das comunidades onde os agricultores residem, contexto do local onde trabalham, resumo das experiências a serem visitadas, nome das pessoas que serão entrevistadas, função e contato.

**Cronograma de trabalho** – definição de roteiro, datas e hora das entrevistas. A elaboração dos textos, deverá sempre fluir da sensibilização do entrevistado, para além dos fatos observados.

b) **Elaboração do Livro reportagem**, estudo de material pré-elaborado, para maior disseminação do tema, visita e entrevista, organização das ideias, redação final e edição do material no suporte livro, podendo conter fotos e ilustrações. Os textos devem ser escritos em Fonte Times New Roman, Corpo 12, espaçamento 1,5 (1 e ½ ). O livro-reportagem deverá ter 85 mil caracteres sem espaço.



## REFERÊNCIAS

Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca. 2004.

CAPORAL. Francisco Roberto; BERBE. José Antônio Costa. Análise Multidimensional da Sustentabilidade - Uma Proposta Metodológica a partir da Agroecologia. Rio de Janeiro, 2000.

RIO + 10 - Rumos para o Desenvolvimento Sustentável. Alemanha e Brasil. Publicação da Fundação Conrad Adenauer. Fortaleza, 2002.

NETO. Amadei Alberto, DUARTE Renato, ANDRADE. Liza Araujo Leão, CORILIANO. Luiza Neide MT, PEDROSA. Luiz Antônio Câmara. O Nordeste à Procura da Sustentabilidade - Publicação da Fundação Conrad Adenauer. Rio de Janeiro, 2002.

Políticas públicas Sociais e os Desafios para o Jornalismo. Vários autores. São Paulo, 2008.

NASCIMENTO. Rosa da Conceição; CÂNDIDO, Renata Paz. O Candeeiro: Estratégia de Comunicação para Difusão da Agroecologia no Semiárido. Juazeiro do Norte, 2010.

Centro de Desenvolvimento Agroecológico. Espécies agroflorestais, 2009.



Centro de Desenvolvimento; Caatinga; Diaconia Agroecológico Agroecologia Transformam Paisagens Desertificadas,

PERUZZO. Cicilia M. Krohling; Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária, 2008.

MANZINE. Eduardo José; DELIBERATO. Débora. Recursos para Comunicação Alternativa. Brasília – DF, 2004.

BELO. Eduardo. Livro-Reportagem. São Paulo, 2006.

Sites pesquisados: [www.asabrasil.org.br](http://www.asabrasil.org.br); [www.wikipedia.org/wiki/Agroecologia](http://www.wikipedia.org/wiki/Agroecologia);  
[www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/)